

José Carlos "Índio"

Dona Maira abre a porta que dá para o quintal de sua casa e aponta para a sombra agradável do pé de manga: "Era bem aqui que ele ficava. Às vezes eu acordava antes das quatro da madrugada. Cadê o Zé Carlos? Já estava ali batendo pedra, fizesse sol ou chuva". Como se o tempo tivesse parado, vejo que por ali ainda restam uma ou duas esculturas inacabadas, ferramentas sobre a bancada e imensas pedras de mármore que nunca chegaram a ser lapidadas pelo escultor.

Enquanto Dona Maira me conta histórias de uma vida inteira de muito trabalho e superação vivida ao lado do marido José Carlos da Silva, o Índio, eu fico imaginando como devem ter sido movimentados os dias naquele quintal que ficava na última rua do bairro Coophasul, em Campo Grande. No final dos anos 70 e durante toda a década de 80, por ali passaram artistas e aprendizes, compradores de todos os tipos, de pessoas da alta sociedade até vizinhos e moradores de bairros próximos. Mesmo tão diferentes todos tinham em comum o fato de apreciarem a obra de um dos maiores expoentes da arte sul-mato-grossense que faleceu em 1991, às vésperas de se mudar para a Espanha, berço de muitos dos principais artistas plásticos do mundo.

Dificuldades são inspiração

Do romance entre um marinheiro do Arsenal de Marinha de Ladário/MT, e uma índia da tribo Pareci, nasceu José Carlos da Silva, em 4 de novembro de 1948, em Corumbá/MT. Quando era recém-nascido foi levado pela sua mãe para a avó paterna, Dona Júlia, o conhecesse. Durante a visita, a moça pediu a ela que cuidasse do bebê por uma tarde apenas. "Volto antes de anoitecer para dar de mamar", disse. Nunca mais voltou. Talvez a brusca separação da mãe, com quem conversou por apenas uma ou duas vezes durante toda a vida, explique sua inclinação por retratar, em algumas de suas obras mais importantes, temas como o amor e a família.

Esculpida em arenito, "A Família" e se encontra nos jardins do Hospital São Julião, em Campo Grande. "Essa escultura expressa a saudade dos pacientes que no passado ficavam aqui isolados, sofrendo com a distância dos seus entes queridos", recorda a Irmã Silvia Vecellio, religiosa salesiana responsável, com voluntários italianos e brasileiros, por reerguer a instituição que hoje é modelo no tratamento de hanseníase. Ali Índio esteve internado na época em que ainda trabalhava como marceneiro, ofício ao qual se dedicou desde muito jovem, em Aquidauana. Recebendo a atenção necessária, curou-se completamente, tendo alta em 31 de dezembro de 1975.

De volta a Aquidauana, Índio foi deixando de lado o trabalho na marcenaria e logo chamou a atenção de toda a cidade ao decidir esculpir sua primeira obra de arte em arenito, em 1976. "Era impressionante vê-lo trabalhar. Parecia que ele entrava num transe enquanto lapidava as pedras", revela o empresário e amigo de infância Nilton Machado, lembrando a fama do artista quando fez sua escultura em um dos lugares mais lindos da região: as encostas de uma cachoeira em meio à mata ciliar do rio Taquaruçu.

Em 1977, foi integrar o time dos restauradores do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. De volta ao recém-criado Mato Grosso do Sul passa a viver em Campo Grande/MS, a obstinação em se dedicar às esculturas de arenito e mármore era proporcional à generosidade com quem ensinava sua arte a todos que desejassem aprendê-la, a começar pelo próprio filho, Sandro e as crianças do bairro Coophasul.

Alma de artista

Com experiência de quem participa das bienais de arte em Veneza, na Itália, assim que a galerista Mara Dolzan, em Campo Grande, conheceu o seu trabalho no início dos anos 80, foi logo dizendo: "Índio, você tem alma de artista". Ele demonstrava preocupação em preservar a formação da pedra. O resultado era um desenho que seguia os veios do mármore, explica ela.

Determinado a crescer profissionalmente, Índio chegou a vender o carro para viajar à Europa e conhecer o Templo da Sagrada Família, obra-prima que o arquiteto catalão Antoni Gaudí (1852-1926) deixou inacabado, mas continua sendo construída com a participação de outros grandes artistas, em Barcelona, na Espanha. Ali ficou por duas semanas, tempo suficiente para receber propostas de trabalho de uma marchand da cidade. Convite aceito voltou ao Brasil para buscar a família e voltar para a Europa, onde moraria os próximos anos. Cheio de planos, o escultor deveria, estar vivendo os dias mais felizes de sua vida quando faleceu, vítima de acidente de trânsito em 3 de novembro de 1991, em Campo Grande/MS.

Texto: Maria José Surita P de Almeida - Fonte: Vozes das Artes Plásticas

